

## Memória de Elefante

Pegaram-me pela mão e levaram-me até uma sala branca com uma data de cadeiras vazias. Disseram que tinha de esperar um bocado, não muito, e que me viriam falar mal pudessem. Não sabia por que esperava, mas sentei-me numa das cadeiras e tentei pensar em todas as razões pelas quais me teriam chamado ali para começar - que não se arranca uma pessoa da cama por meras trivialidades.

Pensei que pudesse ter dito alguma coisa de mau gosto que tivesse chateado alguém abastado. Sim, porque nem toda a gente tem salas de espera para falar com quem os aborrece de uma maneira ordeira e burocrática. Mas não costumo sair de casa e, quando o faço, acho-me no direito de pouco falar. Custa-me comunicar. Talvez por achar que os outros levam vidas mais interessantes que eu, que me cinjo a dizer bacoquices sobre o que me passa pela cabeça. Não sou o tipo de pessoa que se senta na mesa do café e conta com grande detalhe a sua última aventura com o obstinado trabalhador do talho, porque pouco interajo com o que conheço e ele sempre me pareceu simpático. De qualquer das formas é interessante ouvir a história de alguém que encontrou um merceeiro empertigado, ou um advogado deprimido, ou um poeta contente; logo costumo deixar os discursos para quem se atira de cabeça para as aventuras do quotidiano. Sendo assim, achei que não corria o risco de ter insultado um magnata, mas ficava com a ideia anotada para futura análise.

Talvez fosse receber um prémio. Era bom que assim fosse! Porém, duvidava bastante dessa realidade. Poucos prémios recebi na vida, e a grande maioria apenas reiteravam aquilo que já sabia: que estive lá, que passei por aquilo e não caí para o lado. Nunca percebi bem a utilidade dessas recompensas, mas a verdade é que me fazem lembrar alguns bons e maus momentos. É possível que seja essa a única benesse.

Decidi olhar em volta da sala. Afinal as paredes não eram brancas, mas sim casca-de-ovo. Não que isso fosse mudar alguma coisa, mas quando há demasiado tempo em mãos tendo a reparar nos pequenos pormenores, estejam eles à minha frente ou no pensamento. Por exemplo, as cadeiras tinham todas o mesmo tom de azul, talvez com o intuito de acalmar quem se senta na sala, visto que o azul é uma cor que transmite calma e paz. De nada me valia a tonalidade das cadeiras; o meu problema continuava incógnito e isso era a única coisa que interessava naquele momento. Teria deixado a luz do quarto ligada? Mais uma vez, não importava. Ou importava um bocado, que as contas são difíceis de pagar e o dinheiro não cresce das árvores (que eu saiba). Ou cresce? Nada fazia sentido. Pouco faz sentido. Nunca fiz sentido.

Achei que fosse altura de ponderar se estaria a morrer. Aliás, achei que fosse altura de ponderar se estaria a morrer mais rápido do que seria de esperar. Mas, em boa verdade, quem dita se estou a morrer depressa demais? No meu entendimento, tudo é quando devia ser; nunca antes ou depois. “O que for, quando for, é que será o que é”, já dizia Pessoa. Era possível que os meus pulmões, finalmente, tivessem decidido colapsar por mau tratamento. Porém, se assim fosse, com

certeza me estaria a sentir pior, não conseguindo mesmo falar comigo próprio. Não. Estava a morrer normalmente. Como um bom filho da terra; pé ante pé à procura razões para viver de sorriso na cara e a tentar não pensar que, no fim, à terra voltarei. Ou ao mar. Sei lá para onde vou quando morrer.

Percebi, tardiamente, que não haviam relógios. Que o tempo (se realmente passa) andava sem consideração por mim, tal como a maior parte das coisas andam. Se calhar isto não tinha nada a ver comigo. Poderia ser algum tipo de estudo para o qual não me alistei, onde me colocariam uma série de questões sobre assuntos, à primeira vista, desnecessariamente parvos. Isso não seria ideal, pois nunca me dei bem com demasiadas perguntas sem sentido; como na escola, onde passava mais tempo a pensar em que é que a maior parte das coisas me iria ajudar ao invés de ser um bom estudante.

De nada adiantava querer saber. Apenas ficava mais irritado, curioso e perplexo pelo que me rodeava. Achei por bem agir como quando me levanto da cama com sangue seco na almofada e encolher os ombros enquanto sussurro para mim mesmo que um dia ainda deixo de ver o que vejo. Por isso esperei, como todo o mundo espera por alguma coisa. Esperei como se a minha vida dependesse disso, com uma espetacularidade perene que fazia inveja às estátuas das praças da cidade. Esperei porque um gajo tem de esperar não é? E assim se passam os dias. Uma história do caraças, não é? Raios me partam mais a espera. Espera pelas pessoas, espera pelas batatas, espera que te respondam do trabalho a dizer que estás despedido, espera pelo amor, pela vida, pela morte... Espera mais um bocadinho! Espera mais um bocadinho, pá! Esperas tanto que um dia percebes que passaste mais tempo a esperar que a viver. Espera aí!

Fiz de tudo para me acalmar. No final de contas, não existe remédio para o tempo. Lembrei-me das viagens eternas com a minha família para o Algarve. Percebi aí que houve uma altura em que sabia ter paciência. Apenas precisava daquelas quatro outras pessoas num carro, pouca circulação de ar e um disco dos êxitos do Carlos Paião. Cantava que *Eu Não Sou Poeta* enquanto passávamos por Pombal, e quando dava por mim já estava a olhar para as paisagens de Santarém e a pensar na letra da *Lá Longe Senhora*. Era realmente mais fácil ser-se um miúdo no meio das irmãs que lhe beliscam as bochechas até à exaustão. Decidi ter a paciência do miúdo do carro. Esperei, sentado de várias maneiras, em várias cadeiras. Esperei de pé e houve até alturas em que me deitei nos azulejos frios daquela sala. Esperei anos.

Quando dei por mim mal me mexia. Os joelhos tremiam pelo tempo que havia passado. Uma rapariga com óculos garrafais e cabelo desgrenhado veio ter comigo para me dizer que tinha cumprido o meu propósito. Mas qual propósito? No entanto, de que importava saber agora que já tanto tempo tinha passado?

Saí daquela sala que quase foi uma casa, para um corredor onde notei que caminhava curvado. Onde notei que o meu cabelo tinha caído e que me faltavam dentes. Abri a porta para ver o dia claro - aquele “claro” que faz uma pessoa ficar rabugenta, de tão claro que está. Do lado oposto da rua estava um jardim e mesmo que me parecesse uma eternidade atravessar aquela rua, quis-me sentar num banco vermelho que lá estava, debaixo de um chorão muito bem tratado, por sinal. Conseguia ouvir os pássaros – já me tinha esquecido dos pássaros. Conseguia ver o fontanário com gatos lá deitados a aproveitar o sol. Ao meu lado, três velhotes, como eu, falavam da guerra e das mulheres. Conversavam sobre a bola, sobre o mar, sobre os filhos e os netos. Tinham histórias para contar, de aventuras além fronteiras. Histórias de chorar, maioritariamente; mas algumas tinham a sua piada.

Entrelacei os dedos e cantarolei alguma coisa – não me lembro qual era “a coisa”. Pensei que não tinha histórias para contar sobre amores perdidos em Buenos Aires e fiquei tristonho. Queria ter tido desses amores, ou daqueles sustos de morte que nos dão para escrever livros sobre como viver. Contentava-me com uma viagem de camioneta ao sul de Espanha. Mas só podia contar sobre como soube esperar. Achei engraçado pensar que, mesmo tendo feito tão pouca coisa, não me conseguia lembrar de tudo; ou seja, nunca teria memória de elefante. Achei que tinha, no entanto, memórias de um elefante: mas não de um daqueles elefantes livres e bonitos – daqueles do Zoo, que estão ali parados e longe de casa.